

INFORGAMITANDO

Informativo da Escola OGA MITÁ • Ano XXXIII • Edição nº 2 • Rio de Janeiro, 1 de julho de 2022 • RJ / Brasil
Educação Infantil: Rua Maxwell, 194 - Vila Isabel – (21) 3271-1916 | Ensino Fundamental I: Rua Conde de Bonfim, 1.305 - Baixo Bonfim - Tijuca (21) 2278-8116 | Ensino Fundamental II e Ensino Médio: R. Conde de Bonfim, 1.305 Alto Bonfim - Tijuca – (21) 3238-1030 | www.ogamita.com.br | escola@ogamita.com.br

Sentidos e significados

Aristeo Leite Filho

Educar é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante. (Paulo Freire)

Assumir a educação das novas gerações é um ato de coragem. Portanto, é um ato político e, dessa forma, um ato de amor. Muitas das vezes, os adultos se lançam a educar seus filhos e filhas e/ou alunos imprimindo a mesma educação que receberam de sua família, ou de seus professores e professoras, como se o mundo fosse estático, e suas características, imutáveis. Tudo se passa como se a educação de ontem pudesse ser a educação de hoje. O que precisa mudar e o que precisa ser mantido, para mudarmos o mundo, melhorar a vida?

Aqui vale a pena considerar o pensamento de Paulo Freire: “O mundo não é, está sendo”, que nos traz, entre outros, dois elementos para a nossa reflexão. O primeiro se refere à ideia de que as sociedades (o mundo) são construídas pelos indivíduos, não são naturais, dadas, imutáveis. Portanto, resultam de processos históricos, sociais e culturais. O segundo traz a concepção de que os indivíduos são/foram os sujeitos da construção desse mundo que aí está. Então, se ele foi construído, pode ser destruído, modificado, reconstruído, reinventado.

**“O tempo troca a roupa do mundo.”
(Bartolomeu Campos de Queirós)**

É essa maneira não estática de ver o mundo que inspira e alimenta uma pedagogia transformadora. Educar nesse sentido é sempre um desafio, seja na sua dimensão individual, focando na mudança dos indivíduos, seja na sua dimensão coletiva, visando à mudança social. O poder da educação não é irrestrito. Ela sozinha não muda o mundo, mas sem ela o mundo não muda. Por vezes, as mudanças que se dão em cada um dos sujeitos é que iniciam os processos de transformação social. Aqui cabe a reflexão de Gandhi:

**“Seja a mudança que você quer ver no mundo”.
(Mahatma Gandhi)**

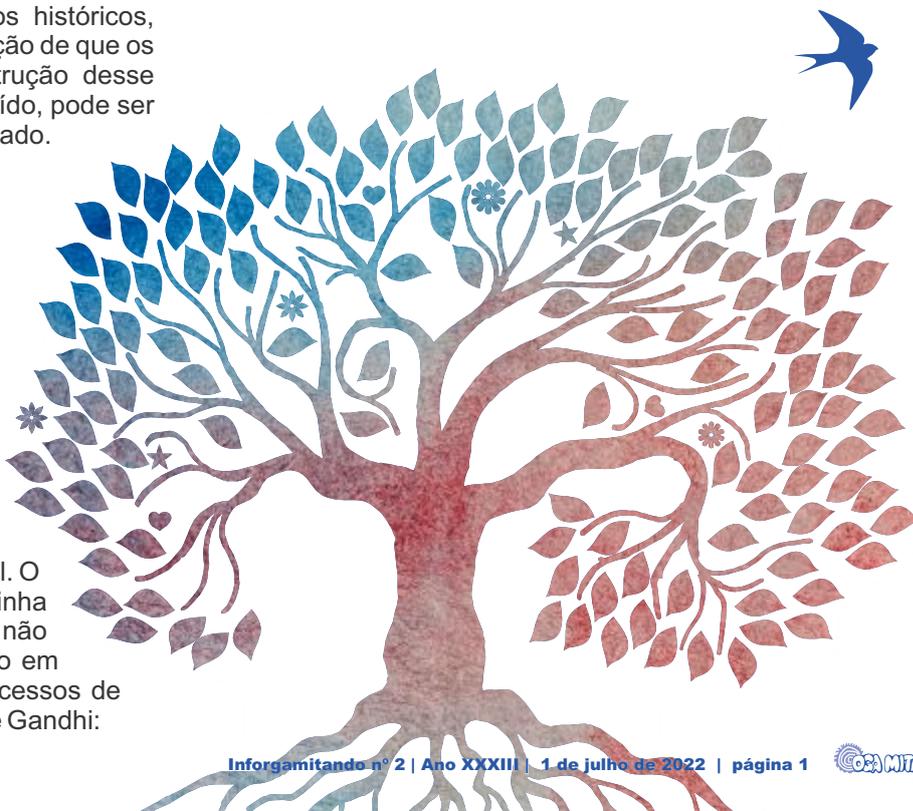
Inspirados na prática do educador francês Célestin Freinet, podemos afirmar que já é hora de concebermos uma escola com vida, em vez de pensarmos a escola como preparatória para a vida.

Dessa forma, educar nessa perspectiva não pode ser um ato solitário. Qualquer movimento de transformação social exige o envolvimento e a participação da comunidade. Uma pedagogia transformadora exige de todos e todas nós, envolvidos/as com o processo de educação, uma união, uma cumplicidade, uma soma dos esforços individuais, sem as quais é impossível reformular conceitos já tão cristalizados.

Já diz um sábio provérbio africano:

“É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança.”

Neste número do nosso Inforgamitando podemos degustar as vivências e as convivências das crianças, adolescentes e adultos no cotidiano de uma escola dinâmica, pulsante: uma escola com vida!. Espero que, com sua leitura, você encontre os sentidos e os significados que foram impregnados, a cada instante, nesse nosso processo educativo.



Africanidades

A partir da leitura do livro “Os seis pequenos contos africanos”, de Raul Lody, a turma Arara manhã iniciou uma viagem cheia de histórias de encantos e dores, com vários contextos, cheiros, texturas, sabores e outras tantas camadas. Com a intenção de reparar, reconhecer e valorizar as culturas Afro-brasileira e Africana, legitimando a importância de uma educação antirracista, o projeto dos Arara está fundamentado nas leis e diretrizes, ou seja, no direito das crianças de conhecer e aprender mais sobre as questões étnico-raciais.

Nosso cotidiano passou a ser o espaço/tempo de viver a roda como local de troca e sabedoria, tendo a conversa, a capoeira e o canto como formas de comunicação e resistência de um povo rico, potente, mas que, até hoje,

ainda luta para não seguir sendo calado e invisibilizado.

A capacidade de compreensão e interpretação das crianças é um indicativo importante e inspirador. Por isso, seguimos questionando o trato desumano recebido por pessoas negras ao longo da história e nos dias atuais e propomos experiências que seguem aproximando as crianças da diáspora africana.

Confiram no site a matéria completa. Em breve, a gente amplia essa partilha. Ubuntu!

Carol Oliveira (professora) e Alexandra Antônio (estagiária) da Arara manhã (Educação Infantil)



Em Busca do Tesouro Perdido

Na época do carnaval, fizemos um baile na escola. Muitas crianças do grupo Ashaninka tarde (Educação Infantil) chegaram fantasiadas de pirata. Uma delas trouxe um mapa de tesouro que fez em casa e que mobilizou o grupo. Ao longo da tarde, a garotada se envolveu na busca por tesouros enterrados no quintal.

Essa brincadeira de pirata se desdobrou para além do carnaval. Alguns mapas foram chegando, e a busca por tesouros escondidos continuou. A partir desse interesse, planejamos com a turma a construção de um jogo de trilha com o tema Em busca do tesouro perdido. As crianças conversaram sobre como seria o fundo do tabuleiro do jogo e decidiram-se por uma praia. Para a pintura do mar, fizeram misturas com tintas em tom de azul e nomearam essa cor de lava. Para a areia, misturaram outras cores, chamando-a de areia do tesouro.

Nossas meninas e nossos meninos trocaram ideias, decidiram as regras, elaboraram e ilustraram frases para as cartas a serem tiradas ao longo do

jogo. Essas cartas orientavam a ação do jogador de acordo com a casa em que chegava: “Você caiu do navio e encontrou um tubarão. Nade rápido e avance 4 casas.”, “Um escorpião te picou. Volte 1 casa e se recupere do ataque.”, “Areia movediça! Você está afundando. Perca a vez.”, “Você encontrou uma sereia e foi encantado com o seu canto. Perca a vez.”

Montamos o caminho com a sequência numérica da trilha. Como peças do jogo, fizemos pequenos bonecos com a imagem do corpo de cada criança.

Essa foi uma produção coletiva, que contou com a participação de

todas as crianças do Ashaninka tarde. Foi o desdobramento de uma brincadeira que começou no quintal e foi se ampliando, de acordo com o envolvimento do grupo. O encanto transbordou no nosso cotidiano! Compartilhamos com vocês fotos da garotada jogando e se divertindo.

Mayara Pontes Corenza, profª do Ashaninka tarde (Educação Infantil)



Casaca de Cabeça

Você sabe o que é uma **Casaca de Cabeça**? Tem alguma suspeita do que possa ser? Talvez um prato típico de alguma região brasileira, ou quem sabe a personagem de uma manifestação cultural... Ou seria uma vestimenta usada num festejo específico do nosso país?

Se você escolheu uma das opções acima, a resposta está errada. A Casaca de Cabeça é um instrumento musical presente na cultura Capixaba utilizado, principalmente, nas congadas, uma festa que une tradições africanas e ibéricas. A Casaca de Cabeça nada mais é que um reco-reco construído artesanalmente em madeira cuidadosamente selecionada por um mestre que se dedica a esse ofício. Apresenta, em geral, um tamanho maior que a de um reco-reco comum, em função da cabeça de um homem esculpida na extremidade superior do instrumento.

Em nossa Festa do Campo de 2022, no Baixo Bonfim, teremos como centralidade a Casaca de Cabeça. Depois de conhecermos um pouco da sua história, cada criança construirá a sua, porém utilizando material reaproveitável que nos aproxime da estrutura, forma e do som da mesma. De posse de seu instrumento, teremos um verdadeiro cortejo de Casacas, que nos remeterá a uma Congada à moda Oga Mitá de ser, sem perder de vista o respeito à tradição e à história dessa rica e valiosa manifestação da nossa cultura.

Que soem as Casacas!!

Sérgio Andrade,
professor de
Música (Ensino Fundamental I)



Criatividade em ação

Neste ano, as crianças do Baixo Bonfim começaram a explorar o parquinho, uma área que passou por reformas recentemente. Todas e todos estávamos ansiosos para ver como ficaria esse espaço da nossa escola. As crianças do 5º ano manhã, encorajadas pela possibilidade do planejamento participativo, tiveram a ideia de criar uma bandeira para ser símbolo da nossa visita ao parquinho!



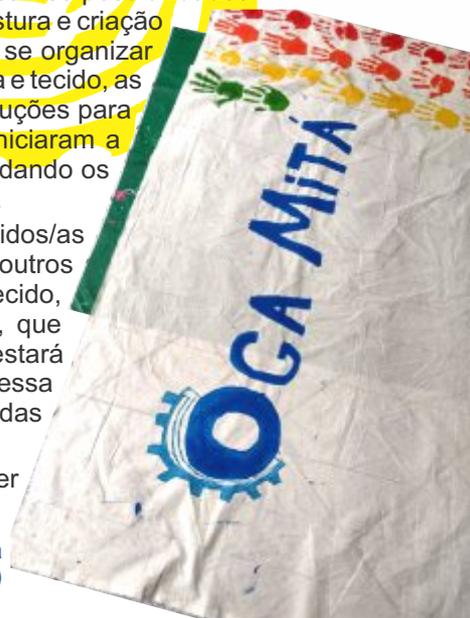
Com uma ideia que começou pequena e tomou forma, os/as Krahô-Kanela, que ainda estão envolvidos/as na construção da bandeira, foram motivados/as a expandir a iniciativa e começaram um grande trabalho de coletividade e cooperação. Juntos, toda a turma se reuniu para decidir os detalhes de como seria a bandeira, e aos poucos as ideias começaram a tomar forma. Através de uma votação, ficou decidido que a bandeira seria feita da cor do arco-íris e composta por muitas mãos.

Durante as duas últimas semanas, começamos a colocar a “mão na massa” e estamos vivendo momentos de interessantes possibilidades de aprendizagens: trabalhamos com mistura e criação das cores, pensamos novas formas de se organizar na sala, já que estamos lidando com tinta e tecido, as crianças foram desafiadas a buscar soluções para se comunicarem com outros grupos, iniciaram a campanha, indo de sala em sala, convidando os colegas de outras turmas a participarem.

Os/as Krahô-Kanela se mostram envolvidos/as e, com autonomia, estão recebendo outros grupos, fazendo as intervenções no tecido, para termos a bandeira do parquinho, que está ficando linda, colorida e logo estará exposta para todos poderem apreciar essa criação, fruto do trabalho coletivo das crianças!

Vejam as fotos e fiquem com um spoiler do que está por vir!

Raiany Prata, professora do Krahô-Kanela manhã (5º ano do Ensino Fundamental)



Educação física nos anos iniciais

No primeiro e segundo anos do Ensino Fundamental I, trabalhamos com um projeto que envolve jogos populares, introdução de alguns jogos coletivos, com regras simples e atividades individuais que visam desenvolver as habilidades motoras e a coordenação, priorizando sempre o aspecto lúdico.

É importante que esses jogos sejam praticados pelas crianças dessa faixa etária, pois são muito estimulantes, prazerosos e também favorecem o trabalho em equipe, a distribuição de tarefas, a liderança, reforçando a importância do papel de cada criança em seu time. Tudo isso sem contar que podem ser praticados no dia a dia da escola (pátio) e fora dela.

Os primeiros anos do Ensino Fundamental I são muito importantes para a criação de um repertório de jogos e brincadeiras e também uma base motora. Hoje em dia, esses jogos populares estão cada vez mais difíceis de serem praticados pelas crianças no seu dia a dia, com os espaços públicos e privados cada vez mais escassos. É prazeroso ver como elas se vinculam a essa proposta de trabalho, curtindo os jogos enquanto desenvolvem suas habilidades corporais e motoras, um dos objetivos principais das aulas de educação física desse segmento.

Bernardo Ferreira - Professor de Educação Física – Ensino Fundamental I

Sambas-enredo: a História sendo contada e cantada

As turmas Guarani Mbya manhã e tarde (2º ano) exploraram alguns sambas-enredo que fizeram parte dos Desfiles das Escolas de Samba do Rio de Janeiro deste ano. Pudemos ouvir, dançar, conhecer as letras na perspectiva de entender o significado de palavras ainda não conhecidas e resgatar outras. Também identificamos elementos pertencentes a diferentes culturas, buscamos construir uma linha do tempo com os fatos que estruturaram a realidade em que ainda hoje vivemos. Ressaltamos a importância do respeito aos povos perseguidos e menosprezados por tantos anos e tratamos de temáticas que atravessam a nossa sociedade.

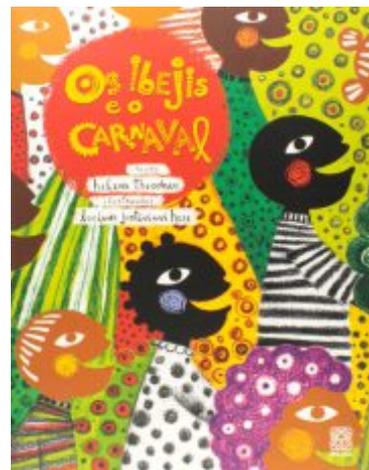
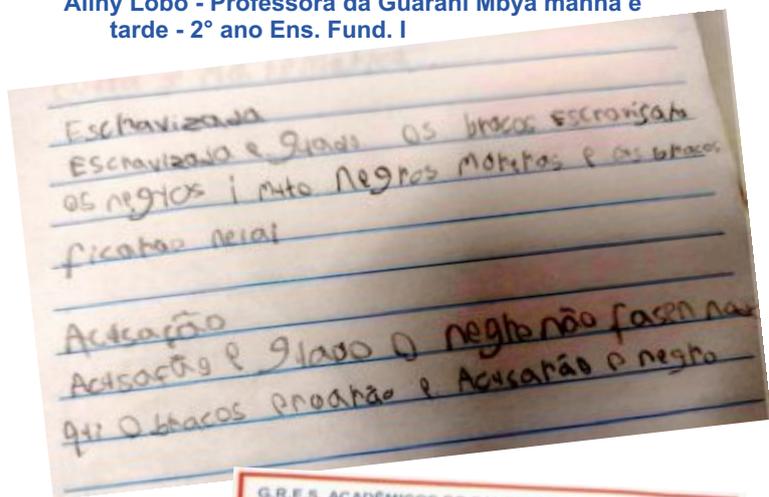
Nos sambas-enredo das Escolas de Samba Acadêmicos do Salgueiro, Beija-Flor de Nilópolis, Portela, Acadêmicos do Grande Rio, Paraíso do Tuiuti e Mocidade Independente de Padre Miguel, a valorização das culturas africanas está presente de forma latente, trazida através das religiões de matriz africana, enaltecendo os Orixás e suas trajetórias, bem como sinalizando o sincretismo religioso, a importância do tambor que conduz os ritmos e danças, como a kizomba, o semba e o caxambu, e de personalidades negras que marcaram a história diante da bravura e resistência na luta antirracista.

Embarcando na cultura indígena, nos debruçamos sobre o samba-enredo da Unidos da Tijuca, escola cuja comunidade - Morro do Borel - fica bem pertinho da nossa casa, Baixo Bonfim. Conversamos sobre os elementos naturais tão valorizados e respeitados pelos povos originários, a lenda do guaraná e a tentativa massiva de apagamento das nossas origens, por exemplo.

Com as mensagens passadas pelas Escolas de Samba, as turmas Guarani Mbya desejam que o ritmo contagiante do samba nos embale para além da dança, mas, principalmente, na reflexão quanto ao racismo, ao desprezo da riqueza intelectual e cultural dos povos africanos e indígenas, ao apoio às lutas que travam e à importância do respeito e da tolerância em nosso dia a dia.

Durante esse tempo, lemos a coleção Lendas e Deuses da África, Os Ibejis e o Carnaval, A África que você fala e Omo-Oba. A literatura que tanto nos embasa também contribuiu para ampliar nossa reflexão e conhecimento acerca da temática afrocentrada.

Aliny Lobo - Professora da Guarani Mbya manhã e tarde - 2º ano Ens. Fund. I

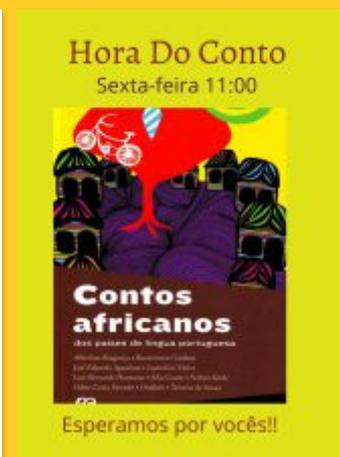


A Hora do Conto na Conde Quincas

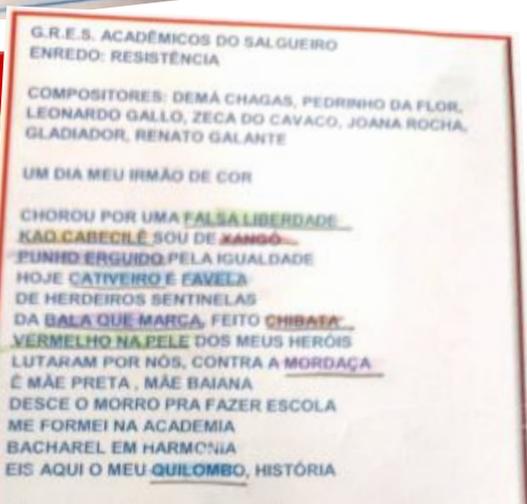
Neste ano, retomamos a ideia da monitoria na biblioteca do Alto Bonfim. Tivemos a adesão da Catarina (7º ano EF, Zo'ê) e da Theresa (2º ano EM, Mynky). As estudantes adoram livros e leitura literária. Durante os intervalos entre as aulas, elas se envolvem com a organização dos livros nas estantes e trocam ideias com a bibliotecária Jordana sobre a organização da Hora do Conto. A ideia é ir, pouco a pouco, contagiando os/as demais grupos.

Essa iniciativa fortalece a gestão democrática da biblioteca, com a participação direta dos/as estudantes. O desejo é que nossas monitoras, e outros/as mais que desejarem participar, sejam uma ponte para uma comunicação mais eficiente da biblioteca com nossos/as adolescentes.

Jordana Urquiza e Selma Monteiro (Biblioteca Conde Quincas, Ensino Fundamental 2 e Médio)



▲ A "hora do conto" com a participação das monitoras da biblioteca. Em uma das rodas, lemos "Zito Makoa, da 4ª classe", de Luandino Vieira, em Contos africanos dos países de língua portuguesa.



Justiça com as próprias mãos?

Durante as aulas de sociologia da turma Apurinã (1o ano do Ensino Médio), um dos assuntos abordados foi a importância da lei na manutenção da sociedade, a partir dos estudos sobre Émile Durkheim. Sendo assim, a turma vivenciou a experiência de um júri simulado, dividindo-se em defesa, acusação e júri. O julgamento foi sobre o caso de Marianne Bachmeier, uma mãe que entrou no tribunal e assassinou o réu, acusado de matar sua filha. Presa pelo crime, aguardava o próprio julgamento. Após o depoimento das testemunhas, e o debate entre acusação e defesa, os jurados saíram para deliberar e tomar sua decisão.

A partir dessa dinâmica, a turma pôde se questionar sobre temas essenciais para nossa vida social: qual a diferença entre vingança e justiça; qual a lógica que deve nortear as penas dadas em juízo; e as consequências da lógica de "fazer justiça com as próprias mãos".

Pedro Barboza, professor de Sociologia (Ensino Médio)



Com a Palavra...

Natural é Arvorecer

No mês de maio, realizamos uma oficina de pintura e observação das árvores na Atividade de Integração da escola. Um sábado letivo de ação coletiva na contemplação das árvores na Quinta da Boa Vista.

Entre árvores, os olhares foram direcionados para os detalhes e tonalidades entre verdes e terrosos. Durante a oficina, grupos se formavam e famílias se juntavam para olhar, desenhar e pintar retratos de árvores diversas do entorno. Fizemos 74 pinturas que formaram um varal de árvores entre árvores, um convite a reconhecer o próprio corpo na observação da natureza, contemplar tonalidades em misturas de tinta e um tanto de bagunça, afinal o caos é a energia criadora e vibrante. Uma mandala de elementos naturais a céu aberto, enraizados no chão de terra, na água que sustenta os troncos, no sopro de vida que nos mantém malemolentes, no brincar de ser natureza e pintar a existência em cores.

No varal criado para sustentar e expor as criações, contemplamos a diversidade de traços, gestos e olhares nas pinturas, mas principalmente o orgulho que fez a maioria voltar para buscar suas obras de arte com a tinta seca. Fizemos uma exposição interativa a céu aberto. Era possível ver pessoas contemplando as árvores, entre paisagem e pintura, como quem participa de uma grande reunião de árvores e se permite conversar, olhar mais de perto e realizar, o seu jeito e seu gesto no papel.

Por falar em caos da criação, alguns personagens vão aparecendo como forças da natureza, e o Saci é notado pelas crianças. Estar em movimento de contemplação apresenta histórias da cultura e mitologias brasileiras em paisagens da imaginação, brincantes na cultura viva dos encontros de tradição e contradição coletivas. O saci é um personagem que aparece em redemoinhos na representação da bagunça e do calor criativo; na oralidade, as histórias são compartilhadas como um sopro no ouvido de cada um.

Uma reunião de seres encantados, numa conversa na



sombra das árvores. Ajustamos nossas lentes para um horizonte de cores e texturas para perceber em nós o que há de árvore, crescente, que floresce, frutifica, e aglomerados nos tornamos florestas.

Um sábado de céu azul em festa pela vida, confraternizando a comunidade escolar na oportunidade de transferir paisagens coletivas e esperar dias de paz e bem viver para todos!

Gabi Macena - Professora de Artes do Ensino Fundamental I

Fique por dentro

• **Encontro da professora de Transpsicomotricidade** com as famílias das turmas Arara, Ashaninka e Fulni-ô para apresentação do trabalho de corpo desenvolvido no cotidiano.

• **“Biblioteca Quincas: que espaço é esse?”** foi um encontro destinado às turmas Suruí-Paiter. Nossa conversa versou sobre o papel da literatura na formação de crianças bem pequenas.



• **As famílias das turmas Kaiowá (1º ano)**, que estão em processo de alfabetização, foram convidadas a participar de uma reunião em que

conversamos sobre a forma como encaminhamos esse processo, que é motivo de muitas inquietações para as famílias de nossas crianças.

• **“Relações, Conflitos e Convivência Pós-Pandemia”** – Promovida pelo Espaço de Formação Oga Mitá e voltada às turmas de 3º 4º e 5º anos. Após um longo período de isolamento social, a convivência tem sido um desafio nas relações humanas. Essa roda é um convite à reflexão sobre as provocações desse



novo tempo, e Rachel, mãe do João (Uru-Eu-Wau-Wau) e Miguel (Zo'É), é nossa convidada.

• **“Saúde Mental dos Adolescentes”** – A partir do retorno da meninada às atividades presenciais, depois de um longo tempo de confinamento, esse tema ganhou uma dimensão ainda maior. Planejamos, então, esse encontro, que teve a participação da Patricia da Motta, mãe do João Luca (ex-sempre Amanayé) e do Pedro (Zo'É), que mediu o debate e trouxe para nós contribuições importantes.

• **“Drogas na Adolescência”** – Com Renata Martins, mãe da Luiza (Zo'É), nossa convidada para esse encontro.



Dica Literária

Conte mais uma vez

Conte mais uma vez, de Weberson Santiago, é uma história em forma de jogo. O autor, que é também ilustrador, brinca com a estrutura clássica dos contos de fadas. Através do tão conhecido “Era uma vez”, ele cria um cenário fixo e vai deslocando, ao longo das páginas, as funções da princesa, do dragão, do cavaleiro, entre outros/as personagens.

É uma história divertida, ritmada e que provoca a criança a pensar se as coisas precisam ser sempre do jeito que a gente está acostumado/a a ver. Vale a pena conhecer essa preciosidade!

Ana Carolina Assis – dinamizadora da biblioteca Quincas (Ensino Fundamental 1)



INFORGAMITANDO

Conselho editorial:
Ana Ribeiro
Angela Santos
Aristeo Leite Filho
Selma Monteiro

Revisão:
Angela Santos
Selma Monteiro

Projeto gráfico, diagramação e capa:
Beto Tameirão



@ogamitaescola



escolaogamita



CanaldeVideosOgaMita



ogamita.com.br